

**AS RELAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE FORMAÇÃO  
HUMANA NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JURANDIR LIBERINO DE  
MESQUITA - SINOP-MT**

Josiane Cristina Kolbow\*

**RESUMO**

Este artigo expõe uma análise sobre as relações humanas que perpassam o processo de ensino e aprendizagem na Escola Municipal de Educação Básica Professor Jurandir Liberino de Mesquita, localizada na cidade de Sinop, Mato Grosso, e que atende à modalidade de Educação de Jovens e Adultos no período noturno. Para a coleta de dados, foram utilizados o procedimento de observação e entrevistas com perguntas do tipo semiestruturadas. A análise dos dados obtidos no campo de pesquisa revela que as práticas de ensino e aprendizagem, em função da divisão social do trabalho capitalista e das determinações de mercado, são condicionadas por uma escola utilitarista.

**Palavras-chave:** Ensino e aprendizagem. Educação de Jovens e Adultos. Escola utilitarista. Paulo Freire.

**1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo mostra as relações estabelecidas no ambiente escolar da Educação de Jovens e Adultos da EMEB (Escola Municipal de Educação Básica) Professor Jurandir Liberino de Mesquita, sendo a pesquisa realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com dois alunos e três professores e também observações das aulas durante o período de fevereiro a março de 2015.

---

\* Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **AS RELAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JURANDIR LIBERINO DE MESQUITA - SINOP-MT**, sob a orientação do Professor Dr. Marion Machado Cunha, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2015/2. E-mail: josiane\_kolbow@hotmail.com.

Dessa forma, expomos os resultados obtidos na instituição escolar em conjunto com os referenciais teóricos, fundamentados em Enguita (1989), que nos esclarece sobre o caráter utilitarista da escola imposto pelo sistema capitalista; Nogueira e Nogueira (2004), que trazem a teoria de Bourdieu, da escola enquanto espaço de reprodução e legitimação do poder da elite; e, por fim, Paulo Freire (1986, 1987, 1989 e 1996), o qual apresenta a escola como espaço de humanização e desenvolvimento da consciência crítica, que se dá através do reconhecimento de sua própria condição existencial e social pelo indivíduo dentro da sociedade em que vive.

## **2 AS RELAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JURANDIR LIBERINO DE MESQUITA: entre o utilitarismo e a libertação**

A Educação de Jovens e Adultos tem como perspectiva a busca por um modelo de educação de adultos que se adeque às necessidades dos tempos atuais, vendo o processo de escolarização intimamente relacionado ao de desenvolvimento socioeconômico.

Esses alunos agora retornam para a escola para realizar o “sonho” de aprender a ler e escrever (direito que lhes foi negado na infância) e para melhorar seu rendimento laboral, algo possível de ser verificado na fala deles próprios:

**(01) Aluno A:** não tive oportunidade de continuar por causa dessa vida difícil da minha família, cheguei a ir pra escola quando criança, mas, se ia pra escola, passava por necessidades em casa. Então, parei de ir pra ajudar meu pai na roça. Tenho o sonho de saber mais do que sei, poder ter um emprego melhor, menos sofrido, poder tirar a CNH, andar certo com as autoridades, poder andar bem arrumado, poder viver melhor, conquistar uma vida digna.

O aluno nos relata que tem o sonho de poder saber mais do que sabe, e isto, para ele, seria possível com o retorno para a escola, a partir da qual, ao dominar os conhecimentos formais, poderia conquistar um emprego melhor, tendo, assim, uma vida digna. Além disso, podemos observar na fala do aluno que, quando criança, deixou de ir para a escola porque tinha de ajudar na renda familiar. Desse modo, trabalhando no campo, obteve a aprendizagem de um ofício. Porém, ao ir para a cidade, deparou-se com as dificuldades de se viver em meio

a uma sociedade industrializada que exige pessoas qualificadas, sendo a escola o local onde se adquirem os conhecimentos necessários para a sobrevivência nesse espaço.

Isso fica evidente ao considerarmos o pensamento de Enguita (1989) quando se refere à divisão social do trabalho e à relação com o produto do trabalho na sociedade capitalista industrial, as quais se traduzem na organização do tempo da escola e na importância que ela pode ou não ter na vida do educando.

No caso do aluno A, houve em sua história uma escola dispensável em função da necessidade da manutenção da vida familiar quando vivia no campo. Agora na cidade, a escola se torna uma necessidade. Nessa direção, a relação econômica da condição de assalariado assume um papel determinante vinculado à escolarização.

Contudo, cabe destacar que na sociedade capitalista a escola também reproduz as relações econômicas do sistema econômico, condicionando a formação escolar à divisão social do trabalho - em outras palavras, a importância que a escola assume na vida dos alunos depende da condição e classe social a que eles pertencem e das relações que têm com a produção da vida.

Vale ressaltar, também, que a decisão pessoal de retornar aos estudos se dá na estreita relação com o atual estágio em que a vida do Aluno A se encontra e à necessidade dele de se preparar para o trabalho, algo que não se manifesta explicitamente na entrevista, mas que, ao mesmo tempo, não deixa de estar presente em seu conteúdo geral, uma vez que esse retorno à escola está sendo ditado pelo mercado, ou seja, é ele (o mercado) que acaba obrigando-o a voltar para a escola, o mesmo fator que seguramente fez com que ela fosse dispensável em um determinado momento de sua vida.

O que se apresenta fundamentalmente é a divisão social do trabalho e a forma que o trabalho assume na sociedade. Ligado a isso, por exemplo, está a fala da Aluna B, que começou a trabalhar muito cedo na zona rural para ajudar a família, além dos pais que não permitiam que ela estudasse por considerarem que mulheres não deveriam ir para a escola, mas sim ficar em casa ajudando a cuidar dos irmãos e dos serviços domésticos:

**(02) Aluna B:** comecei a trabalhar muito cedo, com sete anos já trabalhava no sítio. Olha, fui parar de trabalhar agora em 2010, sempre trabalhei no sítio, nunca tive carteira assinada. No tempo de criança, morei um tempo no Paraná, meus pais não deixavam mulher estudar. Depois, com 12 anos de idade, minha mãe faleceu, não consegui estudar, tinha que cuidar dos meus irmãos, daí casei, tive os filhos, tinha que sustentar os meninos. Agora, de uns anos para

cá que surgiu essa oportunidade, daí meu marido disse pra eu vim aprender; é muito bom poder fazer as coisa sozinha, sem precisar de ninguém. Eu tô aqui realizando um sonho.

Ficam evidentes, através da fala da Aluna B, as mesmas relações existentes na vida do aluno A, somando-se, porém, a visão sexista do papel da mulher por ver-se obrigada a realizar as tarefas domésticas. A vida da aluna B, em função do falecimento da mãe, era o de somente ajudar no trabalho do campo, nos cuidados da casa e dos irmãos e, posteriormente, no de dedicar-se aos filhos; fator que fez com que ela, conseqüentemente, tivesse o ‘direito’ negado de frequentar uma escola.

Por isso, a escola atual emerge como um sonho para a aluna B de mudança de vida, de uma oportunidade de ascensão social. A questão, todavia, é que o retorno se dá a um modelo escolar distinto, pertencente à modalidade de educação formal de jovens e adultos, que reflete relações de insucessos, de perdas, de desistências, ao passo que, para os discentes, os quais dela esperam um sentido inverso, se traduz em possibilidade de sucesso e de realização.

Pode-se dizer, enfim, que o retorno ao ambiente escolar, para os alunos A e B, é nada mais que um resultado das necessidades que o próprio mercado dita de acordo com a divisão social do trabalho por ele próprio criada para o papel da escola. Portanto, ambos os discentes aludem, por meio de seus discursos, à perspectiva de se viver em um mundo letrado, que exige independência das pessoas.

Voltemos, contudo, à leitura de mundo da aluna B, centrada na narrativa da busca pela autonomia de concretizar o desejo de fazer por conta própria pequenos afazeres do dia a dia, que, considerado o discurso da Professora B ao ser interpelada sobre os motivos de volta e permanência desses educandos ao ambiente escolar:

**(03) Professora B:** Eles querem poder aprender a ler e escrever, querem deixar de depender tanto dos familiares para realizarem coisas simples do dia a dia. Muitos deles permanecem aqui na escola por causa do trabalho: muitas vezes a empresa onde eles trabalham é que pedem para eles estudarem.

Portanto, esses educandos necessitam do domínio das técnicas de leitura e de escrita para se sentirem inclusos na sociedade e autônomos, podendo almejar melhores colocações no mercado de trabalho, com a promessa de aumentarem seu poder aquisitivo e transformarem os impedimentos sociais (não escolarização) em viabilização de vida (escolarização). Esta

situação não se enquadra, conseqüentemente, apenas no caso das mulheres, mas, também, conforme se evidencia logo abaixo, na dos homens:

**(04) Professor A:** eles querem aprender mais; fazer a CNH e conseguirem saber o necessário para passar em um concurso público - alguns só começam a estudar por conta da exigência dos padrões.

Desse modo, no entender do professor A, esses educandos buscam aprender mais, isto porque já possuem conhecimentos adquiridos ao longo da vida, faltando-lhes, na verdade, os conhecimentos formais, que podem ser aprendidos ao frequentarem a escola - um fato que nos faz perceber o caráter utilitarista atribuído a essa instituição. Outro ponto que podemos destacar em sua fala são os estudantes que retornam à escola para atender à exigência dos padrões, estes representados no ambiente escolar pelos professores, os quais, ao assumirem o papel de mandatários nas relações de poder estabelecidas com relação aos alunos, acabam por ensinar-lhes a comportarem-se como verdadeiros e idealizados proletários.

Portanto, considerando tanto o relato dos alunos como o dos professores, podemos observar que o ingresso ou o retorno dos discentes para a escola se deu, de uma forma geral, por conta do objetivo de aprender aquilo a que não tiveram acesso quando eram crianças - ler e escrever, isto porque moravam longe da escola, ou tinham de ajudar no sustento da família, ou, ainda, porque os pais não permitiam que os filhos estudassem -, mas, principalmente, por conta das exigências do modelo de sociedade e de mercado de trabalho em que nos encontramos inseridos, que demanda, nos dias de hoje, mão de obra qualificada.

Dessa forma, embora a Educação de Jovens e Adultos traga consigo o ideal de proporcionar aos educandos e à sociedade um mundo mais igualitário e justo, seu papel, ao vincular-se também à formação de trabalhadores para suprir as demandas do mercado, acaba por distanciar-se de um de seus propósitos originais, o de humanizar pessoas. Isso fica claro quando consideradas as reflexões de Boni (2009, p. 33), segundo a qual:

A construção de um mundo mais justo e equitativo é, no campo educacional, uma referência norteadora de ações e reflexões das práticas docentes. A educação, especialmente a voltada para jovens e adultos é, muitas vezes, vinculada ao mercado de trabalho, pautada pela realidade da sociedade capitalista, globalizada e tecnológica que exige cada vez mais sujeitos “adaptáveis” às suas transformações efêmeras e contínuas. Neste cenário, é possível questionar se o papel da escola e dos educadores é capacitar e desenvolver “competências” para o mundo do trabalho. Pensando assim a grosso modo, a educação pode contribuir tanto para a formação de indivíduos orientados pelos valores de liberdade, de igualdade e de capacidade de criação e inovação do conhecimento, quanto para a formação de indivíduos

condicionados a aceitarem uma ordem social perversa, que oblitera a criação e a inovação.

Se, conforme a autora bem afirma, a educação pode auxiliar na formação de sujeitos com capacidade de leitura e ação críticas diante do mundo, ao mesmo tempo pode ela também formá-los para que aceitem passivamente o modelo de sociedade pregado como ideal pela classe dominante, ou seja, é possível tanto manter os indivíduos em sua condição de oprimidos, bem como libertá-los, torná-los autônomos por meio do conhecimento. Por isso mesmo, precisa-se compreender que:

A escola não seria uma instância neutra que transmitiria uma forma de conhecimento intrinsecamente superior às outras formas de conhecimento, [...] mas, ao contrário, ela é concebida como uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação da dominação exercida pelas classes dominantes. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004, p. 83).

Não sendo neutra e prezando pela manutenção da ordem, tanto os professores como os alunos acabam por reproduzir e tomar a cultura imposta pelas classes dominantes como legítima, aceitando passivamente uma cultura, que, por vezes, é reproduzida inconsciente e/ou conscientemente, imprimindo cada vez mais a prática utilitarista às relações pedagógicas do professor. Assim, faz-se necessário considerar a crítica à luz de novas relações dos sujeitos:

[...] uma situação na qual tanto os professores como os alunos devem ser os que aprendem; devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes. Este é, para mim, o primeiro teste da educação libertadora: que tanto os professores como os alunos sejam agentes críticos do ato de conhecer. (FREIRE, 1986, p. 27).

Freire (Ibid., p. 28), aliás, enfatiza a necessidade de compreendermos o contexto impossibilitador de uma prática libertadora em que se inserem o docente e a escola, ambos resultados de processos históricos e reflexos da sociedade:

Uma das características de uma posição séria, na educação libertadora, é, para mim, o estímulo à crítica que ultrapassa os muros da escola. Isto é, em última análise, ao criticar as escolas tradicionais, o que devemos criticar é o sistema capitalista que modelou essas escolas. A educação não criou as bases econômicas da sociedade. Não obstante, sendo modelada pela economia, a educação pode transformar-se numa força que influencia a vida econômica. Em termos dos limites da educação libertadora, devemos compreender o próprio subsistema da educação. Isto é, como se constitui ou se constrói a educação sistemática no quadro geral do desenvolvimento capitalista? Precisamos entender a natureza sistemática da educação para atuar eficientemente dentro do espaço das escolas.

Segundo o autor, faz-se necessário que os professores compreendam o processo e o contexto de instituição da educação na sociedade capitalista, para, a partir disso, poderem,

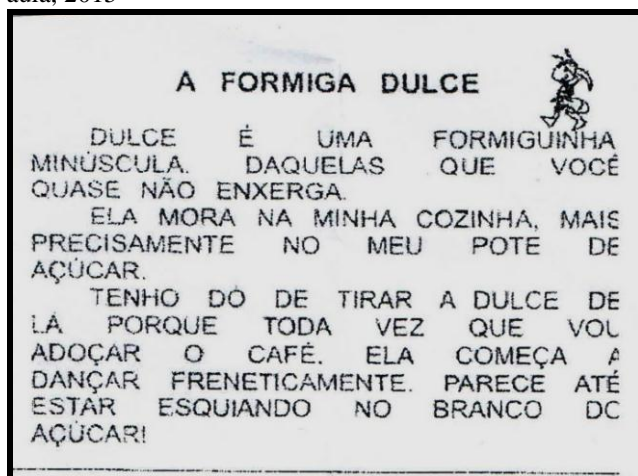
junto com os educandos, constituírem uma educação libertadora, que ultrapasse o espaço escolar e tenha relevância na transformação da realidade social. Dessa forma, não se pode culpar a escola pelos métodos que ela utiliza, isto porque está condicionada a reproduzir o que dita a sociedade capitalista, que tem por objetivo formar cidadãos cuja visão de mundo seja tecnicista e desprovida de criticidade.

E isso fica claro se considerarmos as contradições existentes entre o discurso da professora C e a prática por ela apresentada:

**(05) Professora C:** Após algumas aulas, é possível perceber a dificuldade de cada um, então eu faço atividades diferenciadas, respeitando o ritmo de aprendizagem dos meus alunos, mas sempre passo essas atividades com muito cuidado, para que eles não se sintam incapazes, menos que os outros e, conseqüentemente, deixem de ir para a escola.

Percebemos em sua fala que ela acredita realizar uma prática docente inovadora ao dizer que trabalha com os seus alunos “atividades diferenciadas”, as quais, contudo, como se pode notar na imagem abaixo, são, na verdade, propostas que em nada favorecem a formação dos educandos por serem atividades que não fazem parte de seu cotidiano e não condizem com sua faixa etária:

Figura 1 - Texto desenvolvido pela professora C em sala de aula, 2015



Fonte: Material fotocopiado das atividades de EJA na Escola Municipal de Educação Básica Jurandir Liberino de Mesquita.

Na imagem acima apresentamos uma atividade desenvolvida pela Professora C com seus alunos. Trabalhado de forma mecânica, esse texto foi copiado pelos discentes em seus cadernos e depois lido individualmente com muita dificuldade, uma vez que não eram

estabelecidas relações de sentido com o contexto em que viviam, fato que nos faz refletir sobre a característica reprodutivista do capitalismo, presente esta nas relações de ensino e aprendizagem da escola utilitarista e que, conforme percebido nas dificuldades apresentadas pelos educandos não permite que eles aprendam a ler criticamente o mundo.

Dessa forma, pode-se dizer que o trabalho desenvolvido pelos professores em questão em pouco ou nada contribui para o desenvolvimento da criticidade dos educandos, tendo-se em vista a não utilização de métodos que possam levá-los a reconhecerem e compreenderem sua própria situação e a da realidade em que estão imersos, o que faz com que eles não se libertem da ingenuidade imposta pelos discursos hegemônicos, presentes estes nas práticas docentes, já que estão também os educadores presos a um sistema opressor, e que terminam por isso mesmo se refletindo no imaginário dos alunos.

Evidencia-se essa constatação nos relatos dos estudantes, os quais são ‘gratos’ aos professores pela dedicação que têm para com eles, deixam claro que gostam do ambiente escolar e, por fim, demonstram o sentimento de inferioridade relacionado ao fato de serem adultos educandos:

**(06) Aluno A:** Os professores, depois dos nossos pais, acho que são as pessoas que mais se importam com a gente. Ensinam muito bem, não tenho do que reclamar, só a agradecer pela paciência, a dedicação que eles têm com a gente.

Percebemos com a fala do Aluno A que os professores dedicam-se realmente para desenvolver o trabalho pedagógico. Porém, por serem trabalhadores ‘presos’ a um sistema que não permite que levem seus educandos à autonomia, acabam por perpetuar as relações pedagógicas de uma escola utilitarista. Outro ponto a ser destacado é a ingenuidade que perpassa a relação aluno-professor e assim, reproduzindo os interesses das elites econômicas.

Ao percebermos a ingenuidade na relação aluno-professor, não podemos deixar de destacar que os educandos da EJA produzem sentimentos de certa culpabilização pelo tempo de escola perdido. Em que as práticas docentes devem “ser pacienciosas” com o novo tempo de aprendizagem, considerando a situação atual. A referência perpassa por um estigma que se produz sobre os alunos da EJA. Essa situação se evidencia em seus discursos e que, paradoxalmente, contradiz aquilo de que eles imaginam estar conscientes - dizem que esse ambiente tem elevado sua autoestima, quando, na verdade, continua a reproduzir as mesmas estruturas de poder anteriormente explicitadas.



### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a pesquisa foi possível compreender quem é o adulto que retorna e/ou ingressa para a escola: esses alunos estão fortemente vinculados e condicionados por práticas de uma escola utilitarista - que imprime relações de reprodução capitalista, ditadas pela divisão social do trabalho e pelo mercado.

A pesquisa também revelou que os profissionais que atuam na modalidade de educação de jovens e adultos na EMEB professor Jurandir Liberino de Mesquita reproduzem as relações de ensino e aprendizagem de uma escola utilitarista: suas metodologias não são conectadas as necessidades de produzir práticas transformadoras. Pelo contrário, embora saibam que a aprendizagem nessa fase da vida se dá de maneira diferente da de uma criança, ainda alfabetizam os jovens e os adultos com materiais didáticos infantilizados, que pouco ou nada traduzem suas efetivas condições de vida. Esse material não tem relação alguma com a atual fase em que esses educandos se encontram e que não permitem superar a superficialidade de uma formação escolar.

Todavia, como demonstramos, a escola de EJA é reprodutora dos interesses do sistema econômico em sua perspectiva de mercado e divisão do trabalho, traduzindo a força da classe dominante - fator que acaba por não lhes permitir aos professores recursos e formação adequados a fim de contribuir para o desenvolvimento humano desses jovens e adultos. Assim, para finalizar, as relações de ensino e aprendizagem na EJA, por conseguinte, diz respeito à reprodução do caráter utilitarista da escola e de legitimação do poder opressor.

#### **TEACHING AND LEARNING RELATIONS IN THE PROCESS OF HUMAN FORMATION IN MUNICIPAL SCHOOL TEACHER JURANDIR LIBERINO DE MESQUITA-SINOP-MT**

#### **ABSTRACT<sup>1</sup>**

This article exposes an analysis of human relationships that pertain to the teaching and learning process in the Municipal School of basic education Teacher Jurandir Liberino de Mesquita, located in the city of Sinop, Mato Grosso, and that the mode of Education of young people and Adults at night. For data collection, we used the procedure of observation and interviews with semi-structured questions. The analysis of the data obtained in the field of

---

<sup>1</sup> Tradução realizada por Patrícia Aparecida da Silva do Conselho de Tradutores para Línguas Estrangeiras (CTLE) da **Revista Eventos Pedagógicos**.

research reveals that the practices of teaching and learning, according to the social division of labor and of capitalist market determinations, are conditioned by a utilitarian school.

**Keywords:** Teaching and learning. Adult and youth education. Utilitarian school. Paulo Freire.

## REFERÊNCIAS

ALUNO A. **Aluno A:** depoimento. [fev. 2015] Entrevistadora: Josiane Cristina Kolbow. Sinop-MT, 2015. 2f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre As Relações de Ensino e Aprendizagem na Formação Humana na Escola Professor Jurandir Liberino de Mesquita.

ALUNA B. **Aluna B:** depoimento. [fev. 2015] Entrevistadora: Josiane Cristina Kolbow. Sinop-MT, 2015. 2f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre As Relações de Ensino e Aprendizagem na Formação Humana na Escola Professor Jurandir Liberino de Mesquita.

BONI, Márcia Regina. Dialogicidade: uma relação de alteridade na educação de jovens e adultos. In: ROQUE-FARIA, Helenice Joviano; DA SILVA, Rosana Rodrigues (Org.). **Competências na/da EJA**. Cáceres: Editora UNEMAT, 2009. p. 33-36.

ENGUITA, Fernández Mariano. **A Face Oculta da Escola:** educação e trabalho no capitalismo. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se complementam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Medo e Ousadia:** o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1986.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. A escola e o processo de reprodução das desigualdades sociais. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Bourdieu & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 83-101.

PROFESSOR A. **Professor A:** depoimento. [fev. 2015] Entrevistadora: Josiane Cristina Kolbow. Sinop-MT, 2015. 2f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre As Relações de Ensino e Aprendizagem na Formação Humana na Escola Professor Jurandir Liberino de Mesquita.

PROFESSORA B. **Professora B:** depoimento. [fev. 2015] Entrevistadora: Josiane Cristina Kolbow. Sinop-MT, 2015. 3f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso

sobre As Relações de Ensino e Aprendizagem na Formação Humana na Escola Professor Jurandir Liberino de Mesquita.

PROFESSORA C. **Professora C:** depoimento. [fev. 2015] Entrevistadora: Josiane Cristina Kolbow. Sinop-MT, 2015. 1f. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre As Relações de Ensino e Aprendizagem na Formação Humana na Escola Professor Jurandir Liberino de Mesquita.

Recebido em: 23 de setembro de 2015.

Aprovado em: 05 de novembro de 2015.